

Poemas de Rainer Maria Rilke

A Gazela

Gazella Dorcas

**Mágico ser: onde encontrar quem colha
duas palavras numa rima igual
a essa que pulsa em ti como um sinal?
De tua frente se erguem lira e folha**

**e tudo o que és se move em similar
canto de amor cujas palavras, quais
pétalas, vão caindo sobre o olhar
de quem fechou os olhos, sem ler mais,**

**para te ver: no alerta dos sentidos,
em cada perna os saltos reprimidos
sem disparar, enquanto só a frente**

**a prumo, prestes, pára: assim, na fonte,
a banhista que um frêmito assustasse:
a chispa de água no voltear da face.**

(Tradução:)

A pantera

No Jardin des Plantes, Paris

**De tanto olhar as grades seu olhar
esmoreceu e nada mais aferra.
Como se houvesse só grades na terra:
grades, apenas grades para olhar.**

**A onda andante e flexível do seu vulto
em círculos concêntricos decresce,
dança de força em torno a um ponto oculto
no qual um grande impulso se arrefece.**

**De vez em quando o fecho da pupila
se abre em silêncio. Uma imagem, então,
na tensa paz dos músculos se instila
para morrer no coração.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Canção de Amor

**Como hei-de segurar a minha alma
para que não toque na tua? Como hei-de
elevá-la acima de ti, até outras coisas?
Ah, como gostaria de levá-la
até um sítio perdido na escuridão
até um lugar estranho e silencioso
que não se agita, quando o teu coração treme.
Pois o que nos toca, a ti e a mim,
isso nos une, como um arco de violino
que de duas cordas solta uma só nota.
A que instrumento estamos atados?
E que violinista nos tem em suas mãos?
Oh, doce canção.**

Tradução:

Dançarina Espanhola

**Como um fósforo a arder antes que cresça
a flama, distendendo em raios brancos
suas línguas de luz, assim começa
e se alastra ao redor, ágil e ardente,
a dança em arco aos trêmulos arrancos.**

E logo ela é só flama, inteiramente.

**Com um olhar põe fogo nos cabelos
e com a arte sutil dos tornozelos**

**incendeia também os seus vestidos
de onde, serpentes doidas, a rompê-los,
saltam os braços nus com estalidos.**

**Então, como se fosse um feixe aceso,
colhe o fogo num gesto de desprezo,
atira-o bruscamente no tablado
e o contempla. Ei-lo ao rés do chão, irado,
a sustentar ainda a chama viva.
Mas ela, do alto, num leve sorriso
de saudação, erguendo a fronte altiva,
pisa-o com seu pequeno pé preciso.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Exercícios ao Piano

**O calor cola. A tarde arde e arqueja.
Ela arfa, sem querer, nas leves vestes
e num *étude* enérgico despeja
a impaciência por algo que está prestes**

**a acontecer: hoje, amanhã, quem sabe
agora mesmo, oculto, do seu lado;
da janela, onde um mundo inteiro cabe,
ela percebe o parque arrebicado.**

**Desiste, enfim, o olhar distante; cruza
as mãos; desejaria um livro; sente
o aroma dos jasmíns, mas o recusa
num gesto brusco. Acha que á faz doente.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Fonte Romana

Borghese

Duas velhas bacias sobrepondo

**suas bordas de mármore redondo.
Do alto a água fluindo, devagar,
sobre a água, mais em baixo, a esperar,**

**muda, ao murmúrio, em diálogo secreto,
como que só no côncavo da mão,
entremostrando um singular objeto:
o céu, atrás da verde escuridão;**

**ela mesma a escorrer na bela pia,
em círculos e círculos, constante-
mente, impassível e sem nostalgia,**

**descendo pelo musgo circundante
ao espelho da última bacia
que faz sorrir, fechando a travessia.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Hora Grave

**Quem agora chora em algum lugar do mundo,
Sem razão chora no mundo,
Chora por mim.**

**Quem agora ri em algum lugar na noite,
Sem razão ri dentro da noite,
Ri-se de mim.**

**Quem agora caminha em algum lugar no mundo,
Sem razão caminha no mundo,
Vem a mim.**

**Quem agora morre em algum lugar no mundo,
Sem razão morre no mundo,
Olha para mim.**

(Tradução: Paulo Plínio Abreu)

Minha vida

**Minha vida não é essa hora abrupta
Em que me vês precipitado.
Sou uma árvore ante meu cenário;
Não sou senão uma de minhas bocas:
Essa, dentre tantas, que será a primeira a fechar-se.**

**Sou o intervalo entre as duas notas
Que a muito custo se afinam,
Porque a da morte quer ser mais alta...**

**Mas ambas, vibrando na obscura pausa,
Reconciliaram-se.
E é lindo o cântico.**

(Tradução:)

Morgue

**Estão prontos, ali, como a esperar
que um gesto só, ainda que tardio,
possa reconciliar com tanto frio
os corpos e um ao outro harmonizar;**

**como se algo faltasse para o fim.
Que nome no seu bolso já vazio
há por achar? Alguém procura, enfim,
enxugar dos seus lábios o fastio:**

**em vão; eles só ficam mais polidos.
A barba está mais dura, todavia
ficou mais limpa ao toque do vigia,**

**para não repugnar o circunstante.
Os olhos, sob a pálpebra, invertidos,
olham só para dentro, doravante.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Anjo

**Com um mover da frente ele descarta
tudo o que obriga, tudo o que coarta,
pois em seu coração, quando ela o adentra,
a eterna Vinda os círculos concentra.**

**O céu com muitas formas Ihe aparece
e cada qual demanda: vem, conhece -.
Não dê às suas mãos ligeiras nem
um só fardo; pois ele, à noite, vem**

**à tua casa conferir teu peso,
cheio de ira, e com a mão mais dura,
como se fosses sua criatura,
te arranca do teu molde com desprezo.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Cego

**Ele caminha e interrompe a cidade,
que não existe em sua cela escura,
como uma escura rachadura
numa taça atravessa a claridade.**

**Sombras das coisas, como numa folha,
nele se riscam sem que ele as acolha:
só sensações de tato, como sondas,
captam o mundo em diminutas ondas:**

serenidade; resistência -

**como se à espera de escolher alguém, atento,
ele soergue, quase em reverência,
a mão, como num casamento.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Fruto

**Subia, algo subia, ali, do chão,
quieto, no caule calmo, algo subia,
até que se fez flama em floração
clara e calou sua harmonia.**

**Floresceu, sem cessar, todo um verão
na árvore obstinada, noite e dia,
e se soube futura doação
diante do espaço que o acolhia.**

**E quando, enfim, se arredondou, oval,
na plenitude de sua alegria,
dentro da mesma casca que o encobria
volveu ao centro original.**

(Tradução: Augusto de Campos)

**O mundo estava no rosto da amada
O mundo estava no rosto da amada -
e logo converteu-se em nada, em
mundo fora do alcance, mundo-além.**

**Por que não o bebi quando o encontrei
no rosto amado, um mundo à mão, ali,
aroma em minha boca, eu só seu rei?**

**Ah, eu bebi. Com que sede eu bebi.
Mas eu também estava pleno de**

mundo e, bebendo, eu mesmo transbordei.

(Tradução: Augusto de Campos)

O Poeta

**Já te despedes de mim, Hora.
Teu golpe de asa é o meu açoitete.
Só: da boca o que faço agora?
Que faço do dia, da noite?**

**Sem paz, sem amor, sem teto,
caminho pela vida afora.
Tudo aquilo em que ponho afeto
fica mais rico e me devora.**

(Tradução:)

O Solitário

**Não: uma torre se erguerá do fundo
do coração e eu estarei à borda:
onde não há mais nada, ainda acorda
o indizível, a dor, de novo o mundo.**

**Ainda uma coisa, só, no imenso mar
das coisas, e uma luz depois do escuro,
um rosto extremo do desejo obscuro
exilado em um nunca-apaziguar,**

**ainda um rosto de pedra, que só sente
a gravidade interna, de tão denso:
as distâncias que o extinguem lentamente
tornam seu júbilo ainda mais intenso.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O torso arcaico de Apolo

**Não conhecemos sua cabeça inaudita
Onde as pupilas amadureciam. Mas
Seu torso brilha ainda como um candelabro
No qual o seu olhar, sobre si mesmo voltado**

**Detém-se e brilha. Do contrário não poderia
Seu mamilo cegar-te e nem à leve curva
Dos rins poderia chegar um sorriso
Até aquele centro, donde o sexo pendia.**

**De outro modo erguer-se-ia esta pedra breve
e mutilada
Sob a queda translúcida dos ombros.
E não tremeria assim, como pele selvagem.**

**E nem explodiria para além de todas as fronteiras
Tal como uma estrela. Pois nela não há lugar
Que não te mire: precisas mudar de vida.**

(Tradução: Paulo Quintela)

Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?

**Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?
Eu sou o teu vaso - e se me quebro?
Eu sou tua água - e se apodreço?
Sou tua roupa e teu trabalho
Comigo perdes tu o teu sentido.**

**Depois de mim não terás um lugar
Onde as palavras ardentes te saúdem.
Dos teus pés cansados cairão
As sandálias que sou.
Perderás tua ampla túnica.
Teu olhar que em minhas pálpebras,
Como num travesseiro,**

**Ardentemente recebo,
Virá me procurar por largo tempo
E se deitará, na hora do crepúsculo,
No duro chão de pedra.**

Que farás tu, meu Deus? O medo me domina.
(Tradução: Paulo Plínio Abreu)

Queda e encanto

**As folhas caem como se do alto
caíssem, murchas, dos jardins do céu;
caem com gestos de quem renuncia.**

**E a terra, só, na noite de cobalto,
cai de entre os astros na amplidão vazia.**

**Caimos todos nós. Cai esta mão.
Olha em redor: cair é a lei geral.**

**E a terna mão de Alguém colhe, afinal,
todas as coisas que caindo vão.**
(Tradução:)

Quero lhe implorar

**Para que seja paciente
Com tudo o que não está resolvido em seu
coração
e tente amar.**

**As perguntas como quartos trancados e como
livros escritos em língua estrangeira.
Não procure respostas que não podem ser dadas
porque não seria capaz de vivê-las.**

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

